



**PUTA: A SINTAXE E A SEMÂNTICA DE UM CONTROVERSO
INTENSIFICADOR**

**PUTA: SYNTAX AND SEMANTICS OF A CONTROVERSIAL
INTENSIFIER**

*Renato Miguel Basso*¹

*Luisandro Mendes de Souza*²

RESUMO

O artigo discute aspectos sintáticos e semânticos da expressão intensificadora *puta*, a partir de uma abordagem formal do significado. Embora apareça precedendo um nome dentro do sintagma nominal, argumentamos que semanticamente o termo modifica a combinação do nome com um adjetivo, seja ele explícito ou não. Se o adjetivo estiver implícito, ele sempre faz avaliação positiva; ao passo que se estiver explícito, a avaliação positiva ou negativa depende da conotação do adjetivo adjunto do nome. Mostramos também que isso desencadeia uma ambiguidade estrutural, vista em sintagmas como *uma puta festa legal*, que pode designar “uma festa muito boa e legal” ou “uma festa muito legal”. Argumentamos também que *puta* contribui para as condições de verdade, sendo similar ao significado de *muito*, isto é, alça o padrão contextual da escala dada pelo adjetivo; enquanto no plano expressivo designa envolvimento subjetivo do falante, sendo, portanto, um item veri- e uso-condicional, um item misto.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica; Adjetivos Escalares; Dimensão Expressiva; Intensificação.

ABSTRACT

The paper discusses syntactic and semantic aspects of the intensifier *puta*, from a Formal Semantics perspective. Although it appears preceding the noun inside the noun phrase, we argue that the expression modifies the noun-adjective combination, be it overtly realized or not. If the adjective is silent, it always means positive evaluation; if the adjective is explicit, the positive or negative character of the evaluation relies on the adjective connotation. It is also showed that this triggers a structural ambiguity, seen in phrases like *uma puta festa legal* ‘an awesome party’, that may refer to ‘a very good and nice party’ or ‘a very nice party’. We argue that *puta* contributes to the truth conditions, its meaning is somewhat like the intensifier *muito* ‘very’, that is, it raises the contextual standard of scale provided by the adjective. In the expressive dimension it expresses the speaker’s evaluation, which makes the expression a mixed item, truth- and use-conditional.

KEYWORDS: Semantics; Scalar Adjectives; Expressive Dimension; Intensification.

1 Professor Doutor da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

2 Professor Doutor da Universidade Federal do Paraná - UFPR.



Introdução

O item lexical *puta*, no português brasileiro (PB) contemporâneo, é bastante versátil e desempenha uma série de funções, sendo usado como interjeição, adjetivo e intensificador. Como exemplos desses casos, respectivamente, considere as sentenças abaixo:

- (1) Puta!, que chato!
- (2) O João tá puto com o que o Pedro falou.
- (3) A Maria faz um puta bolo gostoso.

Além desses usos, *puta* pode ser usado com um sinônimo pejorativo para *prostituta*, e, assim, é uma ofensa bastante forte dirigida a mulheres³, como em:

- (4) Maria é uma puta⁴.

Cada um desses usos tem peculiaridades linguísticas interessantes. Por exemplo, quando usado como interjeição, *puta* pode ser reduzido a *puts*, mas isso não ocorre nos outros casos. O uso exemplificado em (2) tem concordância de gênero obrigatória e de número (que pode ser variável), como nos exemplos abaixo – um indício do seu caráter adjetival:

- (5) Os meninos ficaram puto(s) por ter(em) perdido o ônibus.
- (6) A menina tá puta porque acabou a brincadeira.

Outra característica desse uso é que ele pode receber marcas de aumentativo (*putaço*), o que indica que o puta que aparece em (2) é gradual, e é equivalente, *grosso modo*, a um item formado por derivação parassintética (*emputecer*, *emputecido*)⁵.

Por sua vez, o uso em (4), além de ser muito ofensivo, é aplicado quase que exclusivamente a mulheres – ilustrando o machismo da sociedade – e recebe marcas de aumentativo e diminutivo (*putinha*, *putona*) que exaltam nuances expressivas^{6, 7}.

3 Não podemos deixar de notar, ainda que de passagem, o fato de uma sentença como *João é um puto* não querer dizer que João é um prostituto, mas sim que ele não é uma boa pessoa, ser um reflexo do machismo que impera na sociedade brasileira.

4 É possível argumentar que, etimologicamente, há pelos menos dois itens que resultaram em ‘puta’ no PB, um deles tem a ver com ‘prostituta’ e outro tem a ver com maus cheiros, e que também dá origem a ‘putrefato’ e outros. Não exploraremos essas diferentes origens aqui, mas notamos que, para os falantes de PB, a intuição é que todos os itens relevantes de (1) a (4) são, na verdade, formas de um mesmo item.

5 Ou seja, muito simplificada, *emputecer* = em+puta+ecer, em paralelo a *emburrecer* = em+burro+ecer.

6 Na seção 3, voltaremos a essa questão.

7 Como nota um dos pareceristas anônimos deste artigo, a quem agradecemos, pode ser que tenhamos, na verdade, itens lexicais diferentes, e, conseqüentemente, raízes □*put-* diferentes, ou seja, com conteúdo e possibilidades morfosintáticas diferentes (cf. Foltran e Nóbrega, 2016). Nosso foco será exclusivamente no que chamaremos de *puta*-intensificador, e não há nada em nossa discussão que vá contra a ideia de termos duas raízes □*put-* diferentes. Justamente porque não precisamos nos comprometer com essa caracterização, optamos por usar a descrição neutra “item” para falar de *puta* e seus vários usos.

Neste artigo, nosso objeto é investigar o funcionamento sintático e semântico de *puta* que aparece em (3), e que tem função intensificadora, conforme definiremos na sequência, pois seu papel é, *grosso modo*, intensificar o grau de uma propriedade gradual com a qual ele se combina. Assim, este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, exploraremos a sintaxe de *puta*-intensificador, como o do exemplo em (3); feito isso, na segunda seção, faremos uma descrição de sua semântica, notando em particular quais são suas restrições em relação aos tipos de nomes e adjetivos que esse item acompanha, e também sua contribuição uso-condicional. Na seção 3, descrevemos de modo integrado sua contribuição semântica, e argumentamos que *puta*-intensificador é um item vero- e uso-condicional, um item misto, portanto, segundo a definição de McCready (2010). Finalmente, nas Considerações Finais, refaremos o caminho percorrido e apresentaremos algumas das questões em aberto.

Sobre a sintaxe: um *puta* problema

Nesta seção, nosso objetivo é descrever a distribuição sintática de *puta*-intensificador. Foltran e Nóbrega (FN) (2016; no prelo) analisaram aspectos sintáticos e morfológicos de adjetivos modificadores levando em conta vários intensificadores, *puta* entre eles, e sua descrição nos ajuda a entender como essa expressão se comporta sintaticamente. Os autores classificam *puta* como um modificador denominal, justamente por apresentar usos como os vistos em (2) e (4). Mais especificamente, eles denominam modificadores como *puta* (entre eles estariam também *baita*, *tremendo*, *grande* etc.) como adjetivos intensificadores, pois modificam nomes, em construções como *um puta emprego*.

Olhando para as propriedades sintáticas da expressão nessa função, Foltran e Nóbrega (2016, p. 322-328) listam cinco características:

i) ordem: a ordem de *puta* é fixa: *uma puta festa*/**uma festa puta*

ii) categoria que modifica: além do exemplo já visto de modificação nominal, *um puta emprego*, os autores trazem exemplos de modificação adjetival (7a-b) e com nomes que já sofreram modificação adjetival, como em (7c); nos exemplos (7a) e (7b) o modificador está posposto ao nome – os exemplos abaixo são retirados de Foltran e Nóbrega (2016, p. 324).

(7) a. Dá pra perceber que ele é um cara *puta* nojentto.

b. uma cerveja *puta* gelada.

c. um *puta* cara lindo.

Apesar de os autores considerarem essas sentenças aceitáveis, nossa intuição a respeito de (7a-b) não é tão clara. Embora essa intuição seja compartilhada por outros falantes que consultamos informalmente, alguns falantes também consideram a expressão perfeita gramaticalmente, como Foltran e Nóbrega (2016) ou Chain (2018). Note que essa posição é preenchida por intensificadores adjetivais típicos como em *uma cerveja bem/muito gelada*,

mas não por intensificadores de-adjetivais, como *grande* ou *baita*: **uma cerveja grande/baita gelada*, **um cara grande/baita nojento*. Como nosso foco é na análise semântica de *puta*, não vamos nos deter nessa discussão. Como comparação, compartilhando nossa intuição, Pires de Oliveira (2013, p. 21) julga *puta* modificando um adjetivo usado predicativamente como agramatical: **João é puta alto*.⁸

Para Foltran e Nóbrega (2016, p. 325, de onde retiremos o exemplo em (8a)), a dupla modificação só é aceitável se tivermos uma leitura de escala crescente, com pausa entre os modificadores.

(8) a. *Eu sempre tenho uma puta mega cólica.

b. Eu sempre tenho uma puta, mega cólica.

Mas perceba que *puta* pode modificar também o adjetivo pré-nominal em alguns casos, como nos exemplos abaixo (9), modificação que *muito* também pode exercer⁹.

(9) a. A Maria recebeu uma puta boa educação.

b. A Maria recebeu uma muito boa educação.

c. O time contratou um puta bom jogador.

d. O time contratou um muito bom jogador.

iii) concordância: *puta* não apresenta concordância de gênero ou de número. Note que em (10a), *uma puta trabalhadeira* designa “grande quantidade de trabalho”, não “bom trabalho”.

(10) a. um puta emprego/uma puta trabalhadeira.

b. Eles importaram uns puta/*putas aviões. (FN, 2016, p. 325)

iv) tipos de estruturas em que ocorre: note que nesse sentido, *puta* não pode ser usado como predicado (cf. 11e), o que aponta para seu caráter de intensificador. Os exemplos (11a) e (11e) são de Foltran e Nóbrega (2016, p. 327).

(11) a. O/esse puta salário pago aos diretores é de dar inveja. DP definido¹⁰

b. O João tem um puta emprego. DP indefinido

c. João deu uma puta festa legal. Nome modificado

d. Um puta (de um) carro. Duplicação de determinante

e. *O cargo é puta. Ausência de uso predicativo

8 Talvez uma pesquisa mais detalhada em bancos de dados resolvesse a questão. Pensando nisso, fizemos uma rápida consulta exploratória no Google em busca de dados e os únicos encontrados eram justamente os dados do artigo de Foltran e Nóbrega (2016). Um dos pareceristas anônimos nos trouxe alguns exemplos encontrados em textos escritos, mas cremos que isso não invalida a nossa intuição de estranhamento diante dessa construção nem invalida nossas conclusões sobre a semântica de *puta*-intensificador.

9 A ideia por trás dos exemplos em (9) é que *puta* não modifica exatamente um adjetivo, mas sim todo o sintagma [boa educação] e [bom jogador], ou seja, não se trata somente de um boa educação ou de um bom jogador, mas de uma muito boa educação e um muito bom jogador.

10 Exemplo de Foltran e Nóbrega (2016, p. 327).

v) tipos de sentenças em que ocorre: além de afirmativas, *puta* também aparece naturalmente em imperativas (12a) e interrogações (12b).

- (12) a. Que puta dor de cabeça! (FN, 2016, p. 328) Exclamativas
 b. Quem faria essa puta confusão? Interrogativas

Como resumo, podemos dizer que a estrutura sintática em que *puta* aparece, tipicamente, é a abaixo:

- (13) a. [SD Determinante *puta* (*de um*) SN (Adjetivo)]¹¹
 um puta (de um) cachorro (bravo)
 b. [SD Determinante *puta* (Adjetivo) SN]
 uma puta boa secretária

Em que o determinante, em geral, é indefinido singular em concordância com o núcleo do SN (Sintagma Nominal). Note, contudo que, em alguns casos, ele pode ser definido, demandando um contexto mais elaborado que o acomode (14a). Além disso, se esse for o caso, a duplicação do determinante não é possível, como vemos em (14b).

- (14) a. Eu vi o/aquele puta filme que você falou.
 b. Eu vi o puta (*de um/*do) filme que você falou.

Um fato importante a se mencionar é a opcionalidade¹² do adjetivo pós-nominal. Contudo, note que a ausência de um adjetivo explícito sempre produz leitura de avaliação positiva (subjetivamente falando): *um puta livro* é um livro de boa qualidade¹³. Curiosamente, na gramaticalização de palavrões e termos ofensivos como intensificadores, essa é uma tendência: alguns deles trazem avaliação positiva¹⁴, como vemos nos exemplos em (15):

- (15) a. Ele é um homão da porra.
 b. O Bernardo escreveu uma tese do caralho/foda.

Para haver uma avaliação negativa, é preciso que um adjetivo que atribua essa caracterização seja abertamente expresso, como em um puta livro chato, ou com os outros

11 Como a duplicação do determinante, em *de um*, não parece trazer contribuição veri-funcional, não discutiremos essa estrutura aqui. Possivelmente é apenas um elemento enfático, mas isso é apenas uma sugestão. Um dos pareceristas anônimos, a quem agradecemos, nos apontou que uma observação semelhante é feita em Foltran *et al.* (2016).

12 Voltaremos adiante à questão dessa opcionalidade, quando tratarmos da análise semântica propriamente dita dessas construções, mas adiantamos que, mesmo que não explicitamente, consideraremos que há alguma propriedade adjetival presente aqui. Assim, como veremos adiante, a opcionalidade diz respeito mais à escolha de qual adjetivo aparecerá aqui do que a presença ou não de um adjetivo;

13 Como nota um dos pareceristas, a exceção a essa generalização são casos como *um puta pesadelo* ou *uma puta dor de cabeça*. Mas note que o nome denota algo com conotação negativa. Nesses casos é avaliação positiva não surge, claro, mas sim que se trata de um ótimo exemplo de dor de cabeça ou de pesadelo ou que sua intensidade é maior do que o esperado ou usual.

14 Nem sempre, é claro. Basta pensar em casos como: *Ele escreveu uma tese merda/uma bosta numa tese*.

adjetivos em (16):

(16) Eu li um puta livro {chato/longo/entediante/difícil} nas férias.

Destacamos que *puta* não aceita a estrutura [SD *puta* (de) Adjetivo], ou seja, o nome núcleo do SN é obrigatório (17). Mesmo em estruturas com diálogo, a ausência do SN, que poderia até ser recuperado do contexto, torna a sentença ruim (18):

(17) *Eu vi um puta legal nas férias.

(18) A: Eu vi um filme nas férias.

B: *Eu também vi um puta legal.

Assim, *puta*-intensificador necessariamente tem como argumento sintático um SN e contribui, intuitivamente, para uma interpretação avaliativa, que envolve a escala que o adjetivo denota, tomando o grau máximo da escala relevante, ou uma escala positiva associado ao nome que o acompanha. Uma das questões importantes aqui, como veremos, envolve mostrar como *puta* escalariza o nome que modifica, pois essa classe, em princípio, não denota um predicado graduável¹⁵. Para esclarecer, numa abordagem referencial do significado, tradicionalmente, nomes denotam predicados de indivíduos, enquanto adjetivos graduáveis denotam domínios que organizam seus indivíduos ao longo de uma dimensão (as abordagens variam em como formalizam essa caracterização, cf. Morzicky, 2016).

Vamos elaborar essa interpretação com mais detalhe na seção a seguir.

Sobre a semântica: mais um puta problema

Aparentemente, *puta* possui dois usos típicos: como intensificador nominal¹⁶ e como intensificador adjetival. Note que nesses usos, exemplificados em (19-20), respectivamente, o termo estaria relacionado semanticamente (e paradigmaticamente) com classes diferentes de modificadores. No primeiro tipo de modificação, em (19), ele pode ser substituído por *ótimo* ou *bom*, e na modificação adjetival, em (20), ele concorre com *muito* e *pra caramba* (e similares), como já notado por Pires de Oliveira (2013), no sentido que parece intensificar uma propriedade graduável. Mas, como (20d) nos mostra, eles não ocupam a mesma posição sintática. O uso em (20c) ficará de lado em nossa discussão.

(19) a. Ele tem um puta (de um) emprego.

b. Ele tem um ótimo (de um) emprego.

c. Ele tem um bom *(de um) emprego

¹⁵ Foltran e Nobrega (2016, p. 320) fazem essa mesma sugestão.

¹⁶ Como aponta um dos pareceristas anônimos, não é adequado falar em “intensificação nominal”, e, adiante, mostraremos que esse não é caso. Por ora, usamos este termo apenas como descrição do que superficialmente vemos em casos como os de (19a).

- (20) a. O João deu uma puta festa (legal).
 b. *O João deu uma muito festa legal.
 c. *O João deu uma festa puta (legal).
 d. O João deu uma festa legal pra caramba.

Como comentamos, em (19a), a interpretação do nome ligado a *puta* é subjetivamente positiva, e estamos falando de um bom emprego¹⁷. Para o caso de (20a), *puta* interage com a escala fornecida pelo adjetivo, e assim estamos falando de uma festa (muito) boa¹⁸. Em resumo, em (19) a modificação parece ser sobre o nome e em (20) ela seria sobre o adjetivo, embora não esteja adjacente a ele¹⁹.

A literatura tem assumido que intensificar no plano nominal e no plano adjetival são operações diferentes (KENNEDY; MCNALLY, 2005; MORZICKY, 2011), e assim teríamos operações semânticas diferentes por trás de (19a) e (20a). Grosseiramente, a diferença é que a modificação nominal avalia subjetivamente a qualidade da entidade que o nome denota, enquanto a modificação adjetival é uma avaliação subjetiva em relação à posição que uma dada entidade ocupa na escala do adjetivo. Do ponto de vista de uma semântica referencial, temos que mostrar como o mundo tem que ser para que as sentenças em (19a) e (20a), o que consideraremos nossos exemplos típicos, sejam verdadeiras, e qual é a contribuição composicional da expressão em estudo para essas condições de verdade.

Nocionalmente, “intensificar” poderia ser a mesma operação, mas formalmente é mais complicado mostrar que a contribuição composicional e veri-condicional de *puta* é a mesma nos dois casos. O fato de *puta* se relacionar paradigmaticamente com diferentes conjuntos de

17 Quando o nome que é modificado por *puta* for ele mesmo negativo, a contribuição de *puta* será a mesma. Por exemplo, *uma puta burrada* é um exemplar muito bom de uma burrada, e acaba sendo uma grande burrada, uma burrada maior do que se esperava.

18 Um dos pareceristas anônimos faz a seguinte observação: “o que motiva essa conclusão? [ou seja, que o *puta*-intensificador interage com o adjetivo]”. Uma possível resposta estaria no contraste entre *uma puta festa legal* vs. *uma puta festa chata* – a festa ser boa ou não, diante desse contraste, vem do adjetivo em questão. Contudo, há uma outra questão, a nosso ver, ainda mais interessante que o mesmo parecerista coloca: “Há, de fato, diferenças no grau de intensificação em “*uma puta festa*” e “*uma puta festa legal*”? Não estaríamos apenas destacando uma das características que compõem a ideia de uma “*puta festa*”? Em Foltran, Nóbrega e Oushiro (2016), os autores notaram —por meio de um experimento— que os falantes não percebem diferentes graus de interpretação envolvendo “*uma puta festa*” e “*uma puta de uma festa*”. Fico pensando se o mesmo não estaria ocorrendo na distinção entre “*uma puta festa*” e “*uma puta festa legal*”. Trata-se de uma questão empírica que merece ser explorada a fundo, inclusive com técnicas experimentais, mas que não será tratada aqui. Notamos, contudo, que há de fato interpretações peculiares com intensificadores expressivos, como mostra Fortin (2011) ao lidar com aumentativos e diminutivos em espanhol – para o PB, qual seria, por exemplo, a diferença entre *pequeno*, *pequeninho*, e *pequenonizinho*? Um segundo ponto é que, em princípio, *uma puta festa legal* não é redundante, e portanto deve haver de fato alguma contribuição de *legal* que não é exatamente a mesma de *puta*-intensificador.

19 Como veremos adiante, quando falamos de “modificação sobre o nome”, estamos de fato falando de modificação sobre um nome mais um adjetivo (ou propriedade adjetival que chamaremos de QUALIDADE), e as interpretações resultantes serão variáveis a depender de inúmeros fatores, que ajudarão a estabelecer o conteúdo de QUALIDADE, mas a contribuição de *puta*-intensificador será sempre a mesma.

modificadores – *bom* (nominal) e *muito* (adjetival) – em cada uso pode ser um indício de que esse item tenha dois sentidos.²⁰ Contudo, perseguiremos outra hipótese: e se a modificação exercida é, na verdade, a mesma?²¹ Perceba que temos um problema adicional aqui, que tem a ver com a relação entre forma e significado, ou como a estrutura sintática é interpretada: (i) suponha que *puta* modifica sempre um SN, assim, (ii) como *puta* modificaria o grau do adjetivo que está dentro do sintagma e não adjacente a ele, como *uma puta festa legal*?

À primeira vista poderíamos dizer que o que *puta* modifica é apenas o nome, o que também seria complicado de defender, em termos sintáticos – *puta* teria que se combinar primeiro com o nome e depois esse constituinte seria modificado por um eventual adjetivo. Mas, como veremos na próxima seção, temos motivos para acreditar que *puta* modifica o SN como um todo, mas que esse SN precisa sempre ser estruturado como [SN nome adjetivo], não apenas como um nome não modificado, como parecemos ter em (19).

Vamos nos concentrar na modificação de SNs com diferentes classes de adjetivos, porque nos parece que *puta* não faz qualquer tipo de restrição semântica em relação à classe do nome, se combinando indiferentemente com SNs cujos núcleos são nomes concretos e abstratos ou massivos e contáveis. Note que mesmo num exemplo como (21c), em que temos um adjetivo não gradual com leitura restritiva modificando o nome núcleo do SN, *puta* continua nos dando leitura de qualidade da farinha e não modifica o adjetivo *importada*.

- (21) a. O João deu uma puta festa.
b. O Marcos tem uma puta fé no nosso sistema judiciário.
c. A Maria comprou uma puta farinha de trigo importada.

Em 2.1 nos concentraremos na modificação de adjetivos graduais, atentando especialmente para a interpretação veri-condicional. Em 2.2 olharemos para sua contribuição expressiva.

***Puta* e diferentes classes de adjetivos: a modificação adjetival**

As classes semânticas de adjetivos são diversas. Segundo a literatura, eles podem ser classificados semanticamente de pelo menos duas maneiras. Uma maneira mais tradicional os divide em intersectivos, subsectivos e intensionais (PARTEE; KAMP, 1995; DEMONTE, 2011; MORZICKY, 2016; QUADROS GOMES; SANCHEZ-MENDES, 2018; entre outros). Os adjetivos que denotam cores são tipicamente intersectivos: *um vestido vermelho* denota um objeto que é ao mesmo tempo um vestido e é vermelho; adjetivos que denotam propriedades

20 Bylilina e Sudo (2015) discutem vários casos de intensificação, especialmente o *-issimo* no italiano e o *very* no inglês, argumentando que, até onde conseguem ver, não é possível oferecer uma semântica unificada para os vários usos de intensificadores como esses, que apresentam usos tão variados. Portanto, acreditamos que modificadores com mais de um sentido não deveriam nos surpreender.

21 Hipótese também aventada por Pires de Oliveira (2013) na sua exploração sobre a expressão.

graduais ou escalares são tipicamente subsectivos: *um elefante pequeno* é um indivíduo que é pequeno enquanto elefante, embora possa ser grande comparado com outros indivíduos; e os intensionais são adjetivos que não permitem uso predicativo e não designam objetos que pertencem ao predicado principal: *o suposto assassino* não é um indivíduo assassino e suposto.

Uma outra classificação considera a possibilidade de os adjetivos serem modificados por graduadores (KLEIN, 1980; KENNEDY, 1997; DEMONTE, 2011; entre outros), *i.e.*, expressões variadas como advérbios de gradação, orações comparativas e orações consecutivas. Nessa segunda divisão, que é a que nos interessará particularmente, temos adjetivos não graduáveis e adjetivos graduáveis. Os graduáveis podem ainda ser divididos em relativos e absolutos, uma divisão que considera, especialmente, o papel do contexto na determinação do valor de verdade de sentenças da forma *X é A*, e o fato de que adjetivos relativos são vagos, enquanto os absolutos geram usos imprecisos (KENNEDY, 2007).²² Considerando a primeira classificação, os adjetivos graduais tendem a ser subsectivos e os adjetivos não graduáveis são intersectivos.

A divisão dos adjetivos graduais em relativos e absolutos é motivada por uma série de propriedades (ROTHSTEIN; WINTER, 2005; KENNEDY; MCNALLY, 2005; KENNEDY, 2007; SOUZA, 2019b; entre outros), e uma importante do ponto de vista semântico é a dependência contextual. Exemplificando, o valor de verdade das sentenças em (23) depende do que consideramos como *alto/baixo* e *raso/profundo* na situação de proferimento. Já no caso dos pares de adjetivos em (24), embora sujeitos a uma certa subjetividade, o valor de verdade da sentença, se verdadeira ou falsa, depende das propriedades do sujeito da predicação.

(23) a. O muro é alto/baixo.

b. A piscina é rasa/profunda.

(24) a. O artista é famoso/desconhecido.

b. O carro é seguro/inseguro.

A modificação de adjetivos em português é relativamente livre²³, o que quer dizer que

22 Numa semântica baseada em condições de verdade, podemos traçar a distinção nos seguintes termos. Um predicado *A* qualquer é vago se sua presença numa sentença faz com que ela possa ter um valor de verdade, além do verdadeiro e do falso, indeterminado. Por exemplo, *x é alto*, pode ser verdadeira em S1, falsa em S2 e indefinida em S3. Esse é um exemplo de um caso limítrofe, que está relacionado com a variação contextual. Isso não acontece numa sentença com um predicado que gera imprecisão. Por exemplo, considere *fechada* em uma sentença como *a janela está fechada*; essa sentença sempre será julgada como verdadeira ou falsa, mesmo que, supondo que a janela esteja ligeiramente aberta, com uma pequenina fresta, pela qual entra vento ou claridade. Essa zona cinzenta em que ainda admitimos como verdadeiras sentenças que, estritamente falando poderiam ser julgadas como falsas, são os casos típicos de imprecisão. Kennedy (2007) argumenta que adjetivos relativos são vagos, enquanto os absolutos são imprecisos e essa diferença se manifesta empiricamente no Paradoxo de Sorites e na seleção de modificadores como *ligeiramente* e *completamente*. Remetemos o leitor a Kennedy (2007) para aos detalhes do argumento.

23 Como afirma Quadros Gomes (2012), considerando que adjetivos graduáveis de qualquer classe podem ser modificados, o que não significa que *muito*, por exemplo, ao modificar diferentes classes de adjetivos traga sempre a mesma contribuição semântica. Comparemos (i) e (ii):

podemos modificar diferentes classes de adjetivos graduais. Vamos olhar para o comportamento de *puta* em paralelo com *muito*; se de fato *puta* é um intensificador como *muito*, esperamos que as sentenças em que apareçam sejam sinônimas do ponto de vista veri-condicional, desconsiderando por enquanto a contribuição expressiva que o modificador coloquial traz.

Começemos com os adjetivos relativos: sentenças com esses adjetivos apresentam duas leituras quando *puta* está também presente. Uma, que chamaremos de “avaliativa”, é quando a intensificação recai sobre o nome; na outra, que chamaremos de “intensificação clássica”, a modificação recai sobre a escala denotada pelo adjetivo que modifica o nome.

Assim, (25) apresenta duas leituras. Em (25a’) a sentença é verdadeira se o muro é muito alto; e (25a’’) também pode ser verdadeira se o muro não for necessariamente alto, mas ele precisa ter alguma outra propriedade de destaque, como comprido. Suponha que o muro que ele tenha pulado não fosse necessariamente “muito alto”, mas um muro difícil de pular. Note que, embora usemos um “muito” nas paráfrases, nosso propósito é só mostrar que *puta* está intensificando. A sistematicidade dessa ambiguidade pode ser verificada com outro adjetivo relativo, como *fundo* em (26). Em (26) também podemos ter a leitura avaliativa de piscina funda, isto é, numa leitura o João nadou em uma piscina muito funda (26a’), noutra ele nadou em uma piscina que era grande, boa ou bonita e que era funda (26a’’), mas não necessariamente muito funda.

(25) O João pulou um *puta* muro alto.

a’. O João pulou um muro muito alto.

a’’. O João pulou um muro muito comprido/perigoso/difícil e alto. (mas não necessariamente muito alto)

(26) O João nadou numa *puta* piscina funda.

a’. O João nadou numa piscina muito funda.

a’’. O João nadou numa piscina muito grande/comprida/bonita e funda.

Uma evidência de que a ambiguidade é estruturalmente relevante (isto é, temos duas estruturas sintáticas), é o fato de que podemos ter um modificador explícito no adjetivo gradual, como em (27). As duas modificações são possíveis sem que a sentença soe redundante. Mas nesse caso *puta* só pode atuar sobre a “qualidade” da piscina. Se esse for o caso, temos uma evidência de que o modificador estaria atuando sobre algum tipo de predicado avaliativo²⁴ não

(i) O menino é muito alto.

(ii) A toalha está muito molhada.

Souza (2019a) defende que, modificando adjetivos relativos temos classes de comparação extensionais, modificando adjetivos absolutos, *muito* requer classes de comparação intensionais. Em (i) a altura do menino é comparada implicitamente com a altura de outros meninos; enquanto em (ii) comparamos a umidade da toalha com outros graus de umidade que ela exibe em outros mundos possíveis. Para mais detalhes ver Souza (2019a) e referências lá citadas.

24 Usaremos esse termo aqui informalmente. De qualquer forma, “avaliativo”, para os nossos propósitos, pode

pronunciado, e é possível que esse predicado não pronunciado seja justamente o responsável por fornecer a escala que tornaria a leitura de qualidade disponível. Afinal, tradicionalmente nomes comuns denotam predicados de indivíduos e não propriedades graduáveis.

(27) O João nadou numa puta piscina muito funda.

Vejamos, então, como essas leituras se apresentam em outras classes de adjetivos.

Os adjetivos absolutos são subdivididos em absolutos de grau máximo ou mínimo. Os adjetivos de grau mínimo são compatíveis com advérbios como *ligeiramente/levemente*, enquanto os adjetivos absolutos de grau máximo são compatíveis com advérbios como *totalmente/completamente*.²⁵ O par *famoso/desconhecido* forma uma escala em que o primeiro membro do par é de grau mínimo *ligeiramente/*completamente famoso*, enquanto o segundo é de grau máximo **ligeiramente/completamente desconhecido*.

As sentenças com o par *famoso/desconhecido* são ambíguas. (28) é verdadeira se o artista é muito famoso (mas não necessariamente muito bom), leitura que temos em (28a); ou se o artista é muito bom e (não necessariamente muito) famoso, em (28b). No outro polo da escala, *desconhecido* também produz ambiguidade, como vemos em (29). Outro par com a mesma estrutura de escala é *seguro/inseguro*, e nesse par o primeiro é o de grau máximo e o segundo é o de grau mínimo.

(28) O João falou com um puta artista famoso.

- a. O João falou com um artista muito famoso.
- b. O João falou com um artista muito bom e famoso.

(29) O João falou com um puta artista desconhecido.

- a. O João falou com um artista muito desconhecido.
- b. O João falou com um artista muito bom e desconhecido.

(30) O João comprou um puta carro seguro.

- a. O João comprou um carro muito seguro.
- b. O João comprou um carro muito bom e seguro.

(31) O João comprou um puta carro perigoso.

- a. O João comprou um carro muito perigoso.
- b. O João comprou um carro muito bom e perigoso²⁶.

ser entendido como adjetivos de gosto pessoal ou adjetivos que fazem uma avaliação altamente subjetiva do nome que modificam.

²⁵ Ver Souza (2019b) para uma discussão mais detalhada sobre a aplicação desses testes ao PB e sobre a semântica desses modificadores, a partir dos testes propostos por Kennedy e McNally (2005).

²⁶ Como notou um dos pareceristas anônimos, a quem agradecemos, a ambiguidade apontada aqui evidencia qual é o escopo de *puta*-intensificador, ou seja, o que está sendo efetivamente intensificado. Esse mesmo parecerista, em

Uma escala especial é aquela formada pelo par de adjetivos *cheio/vazio*, em que ambos os elementos do par são de grau máximo, cf. **ligeiramente vazio/cheio* vs. *completamente vazio/cheio*. Em relação a (32), podemos supor que a sentença possa ser usada para descrever duas situações. Na primeira situação, o copo foi preenchido mais do que deveria. Imagine que há uma regra de racionamento de suco no restaurante universitário e que é proibido encher o copo além de $\frac{3}{4}$ da sua capacidade, mas João encheu totalmente o copo. Na segunda situação, não há qualquer tipo de racionamento e *puta* afeta apenas a qualidade do copo (talvez possamos supor que tenhamos copos bons e copos ruins ao dispor das pessoas) e que o copo está cheio – *modulo* imprecisão cf. nota 9. Sobre as leituras de (33), talvez o leitor julgue a interpretação em (33a) um pouco exdrúxula, mas imaginamos que não é difícil supor que o falante tenha expectativas sobre o preenchimento do copo que podem não ter se cumprido. Por exemplo, suponha que João não deveria pegar um copo vazio, pois o falante gostaria de experimentar a bebida.

(32) O João pegou um puta copo cheio.

- a. O João pegou um copo muito cheio.
- b. O João pegou um copo muito bom/legal e cheio.

(33) O João pegou um puta copo vazio.

- a. O João pegou um copo muito vazio.
- b. O João pegou um copo muito bom/legal e vazio.

Nessa seção, acreditamos ter mostrado algo que a literatura ainda não havia apontado: embora *puta* modifique superficialmente o nome, na verdade ele estaria modificando um SN estruturado como [SN nome (adjetivo)], o que pode desencadear uma ambiguidade, caso o adjetivo adjunto do núcleo do SN seja um adjetivo graduável. Isso gera uma questão de interface interessante, que abordaremos na seção 2.3.

Ao longo desta seção parafraseamos o significado veri-condicional de *puta* usando *muito*. Acreditamos que nesse aspecto eles são idênticos, no sentido em que ambos elevam o padrão da escala dada por uma propriedade gradual. Contudo, *puta* tem uma distribuição sintática diferente, e sua contribuição expressiva também tem elementos de avaliação subjetiva que faltam em *muito*. Vimos que (34) pode ter as leituras em (34a) e (34b). Uma terceira leitura possível, é a parafraseada em (34c). Em teoria, nada impede que a sentença também seja verdadeira numa situação em que a festa tanto é muito boa como muito legal. Se isso é possível, teríamos um complicador adicional na interpretação, pois o modificador estaria operando sobre dois predicados ao mesmo tempo. Mas como dissemos, essa dupla modificação é possível em

consonância com nossa intuição, apontou o papel da prosódia nessas duas interpretações. Assim, a interpretação em (31a) é mais facilmente alcançada com uma marca prosódica na primeira sílaba de *carro*, e a interpretação em (31b), com uma marca prosódica na primeira sílaba de *puta*.

teoria, e se a leitura de fato existe ela deve também ser fruto de algum Reforço Pragmático (RECANATI, 2004), possivelmente. A coocorrência de *muito* e *puta* numa mesma sentença é possível como em (34'), mas desde que a leitura seja (34'b). De outra forma, a sentença soa redundante, embora *puta* traga um componente expressivo que *muito* não traz.

(34) O João deu uma puta festa legal.

- a. O João deu uma festa muito legal.
- b. O João deu uma festa muito boa e legal.
- c. O João deu uma festa muito boa e muito legal.

(34') a. ? O João deu uma puta festa muito legal.

b. O João deu uma festa muito boa e muito legal.

Talvez por esse motivo, *puta* soe mais forte do que *muito*. Se formos graduar uma festa qualitativamente ao longo da escala dada pelo adjetivo *legal*, uma sugestão seria: *uma festa legal* > *uma festa muito legal* > *uma puta festa legal*; ou ainda, podemos ter a graduação entre *uma festa* > *uma puta festa*, em que nenhum adjetivo é usado explicitamente, mas que temos como escala uma versão objetiva e outra subjetiva.

Essa escalaridade dos modificadores poderia ser demonstrada supondo um diálogo como o seguinte, em que dois amigos contam a um terceiro sobre uma festa que este perdeu. A declaração do falante A em (35b) soa esquisita porque ele parece estar tentando intensificar uma propriedade que já foi intensificada por outro interlocutor, por B em (35a). Mesmo uma interpretação de negação metalinguística em (35b) não torna o proferimento adequado ao contexto.

(35) a. A: Você perdeu a festa do João. Foi bem divertida.

B: O João deu uma puta festa legal!

b. A: #O João não deu uma puta festa legal, ele deu uma festa muito legal!

Passemos agora à discussão sobre a contribuição expressiva da expressão em estudo.

A contribuição expressiva

Com sua famosa palestra de 1994²⁷, o filósofo David Kaplan chamou a atenção para um conjunto de expressões há tempos reconhecidas pelos estudiosos da linguagem, mas nunca sistematicamente analisadas, cujo traço distintivo é não serem veri-condicionais, mas sim uso-

27 Kaplan nunca transformou o conteúdo da palestra em artigo. Ela foi transcrita por Elizabeth Coppock e encontra-se disponível em: <<http://eecoppock.info/PragmaticsSoSe2012/kaplan.pdf>> ou pode ser assistida no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=iaGRLlgPl6w>>. Acesso em 02/04/2020.

condicionais. São expressões, portanto, que não contribuem ou alteram as condições de verdade de um enunciado, mas operam numa dimensão de significado que tem a ver com o seu uso feliz em certas situações. Tais expressões têm por conteúdo manifestar opiniões e sentimentos dos falantes, como as interjeições do inglês *ouch* e *oops*, analisadas por Kaplan. Devido a essas características, expressões uso-condicionais apresentam diversas propriedades interessantes, como a de não estarem numa relação sinonímica com uma expressão descritiva (ou vericondicional) e estarem sempre ligadas a um ponto de vista particular, em geral o do falante.

A partir do trabalho de Kaplan, Potts (2003; 2007), McCready (2010), Gutzmann (2015; 2019) e vários outros autores propuseram testes e análises para esses itens. Como nos apresentam Pires de Oliveira e Basso (2016), Kroeger (2019), entre outros, os testes para identificar o conteúdo uso-condicional (ou expressivo) são variados e são mais claros com expressões que contribuem apenas na dimensão expressiva. Por exemplo, o teste de dependência de perspectiva é bem claro com um epíteto como *droga*, que não contribui para as condições de verdade da sentença em que aparece e que está indubitavelmente preso à perspectiva de quem fez o proferimento.

Vemos isso em (36a), em que temos duas camadas de conteúdo: as condições de verdade e o conteúdo expressivo, parafraseados logo abaixo. A dependência de perspectiva, que nos mostra que esse tipo de conteúdo é a atitude do falante sobre alguma entidade do seu discurso, fica evidente em (36b). Embora Carlos esteja citando a fala de Paulo, a insatisfação com a TV é de responsabilidade de Carlos, não de Paulo – o conteúdo expressivo se liga ao falante mesmo em discursos reportados.²⁸

(36) a. Paulo: - Eu tô ficando cansado dessa droga de TV.

Proposição: o falante está ficando cansado da TV.

Conteúdo expressivo: o falante está (muito) insatisfeito com a TV.

b. Carlos: - O Paulo disse que tá ficando cansado dessa droga de TV.

Nesse teste, *puta* não fica preso à perspectiva do falante, como vemos no exemplo de diálogo em (37). Mesmo no discurso citado, o responsável pela avaliação do filme é sempre João. Note que podemos negar a avaliação do falante, como em (37b-c), o que nos mostra que *puta* pode ficar preso à perspectiva do sujeito do verbo de dizer.

(37) a. João: - Eu vi um puta filme bom no cinema semana passada.

Proposição: O João viu um filme muito bom no cinema semana passada.

Conteúdo expressivo: O falante [João] ficou muito satisfeito com o filme.

²⁸ Uma exceção são discursos diretos, como em “O Paulo disse: “tô ficando cansado dessa droga de TV””.

Pedro: - O João disse que viu um puta filme bom no cinema na semana passada.

Proposição: O João disse que viu um filme muito bom no cinema semana passada.

Conteúdo expressivo: O falante [Pedro] ficou muito satisfeito com o filme que o João viu no cinema semana passada.

b. Pedro: - O João disse que viu um puta filme bom no cinema na semana passada, mas eu não fui ver ainda se é tudo isso.

c. Pedro: - O João disse que viu um puta filme bom no cinema na semana passada, mas eu não achei tudo isso.

Podemos mostrar também que *puta* contribui nas duas dimensões, tentando negar cada um desses conteúdos em separado. Em (38a), ao negar o alto grau da qualidade do filme criamos uma contradição; enquanto em (38b), ao se negar o envolvimento emocional do falante, a sentença fica anômala. Note que é o que acontece também em (39b-B), quando um outro falante tenta negar o envolvimento emocional do interlocutor ou o acusa de não estar falando a verdade (39b-B').

(38) a. #Eu vi um puta filme bom, mas o filme não era muito bom.

b. #Eu vi um puta filme bom, mas eu não gostei tanto assim.

(39) a. A: Foi uma puta festa legal!

B: Não, a festa não foi tão legal assim, mas foi boa.

b. A: Foi uma puta festa legal!

B: #Não, você nem se empolgou tanto.

B': #Você tá mentindo, a festa foi muito boa, mas não foi tão boa.

Assumimos, assim, que *puta* é um item misto²⁹ (cf. McCREADY, 2010; GUTZMANN, 2015). O trabalho de Potts (2003; 2007) se concentra em itens que contribuem apenas na dimensão expressiva, e McCreedy (2010) é o primeiro pesquisador a propor que alguns itens poderiam ser mistos, caracterizados por contribuírem simultaneamente nas duas dimensões de significado, na veri-condicional e na uso-condicional. Assim, digamos que o significado de um exemplo típico que analisamos acima seja:

29 McReady (2010) analisa como seu exemplo típico de expressões com conteúdo misto os adjetivos pejorativos, como *kraut* no inglês, uma forma extremamente ofensiva de se referir aos alemães. Assim, esse predicado, ao mesmo tempo em que contribui no plano descritivo ou veri-condicional denotando os alemães, no plano expressivo significa, ou conota (para usar um termo mais tradicional) que o falante tem uma atitude de desprezo por essa classe de indivíduos.

(40) O João tem um puta emprego.

Conteúdo descritivo: O João tem um bom emprego.

Conteúdo expressivo: O falante está envolvido emocionalmente com o fato de o João ter um bom emprego.

Como notação, usaremos ☺ para indicar a atitude de envolvimento emocional do falante ligada a *puta*. Assim, (41) pode ser então representada como segue:

(41) O João tem um puta emprego.

Conteúdo descritivo: O João tem um bom emprego.

Conteúdo expressivo: ☺ (emprego do João)

Antes de explorarmos a implementação formal dessa hipótese, vejamos outras hipóteses sobre a denotação de intensificadores na literatura.

Resumo intermediário

Da nossa discussão sobre o significado de *puta*, surgiu o seguinte cenário. Em princípio, temos dois tipos de exemplos, retomando os já vistos. (42a) exemplifica uma estrutura em que *puta* modifica um SN e não há uma dimensão de avaliação explícita. Digamos que por uma espécie de Reforço Pragmático (RECANATI, 2004) a dimensão *default* seja a qualitativa. No caso de (42b), como temos um adjetivo explícito adjungido ao núcleo do sintagma nominal, temos duas leituras, a *default*, que opera na dimensão qualitativa e uma segunda que opera na dimensão proporcionada pelo adjetivo. Quando temos um adjetivo que não tem dimensão avaliativa/qualitativa, *puta* não se combina com esse adjetivo, como em (42c), em que não se combina com *importado*:

(42) a. Ele tem um puta emprego.

Conteúdo descritivo: ele tem um bom emprego.

Conteúdo expressivo: ☺ (emprego do João)

b. O João deu uma puta festa legal.

Conteúdo descritivo 1: o João deu uma festa boa e legal.

Conteúdo descritivo 2: o João deu uma festa muito legal.

Conteúdo expressivo: ☺ (a festa do João)

c. O João tem um puta celular importado.

Conteúdo descritivo: o João tem um bom celular importado.

Conteúdo expressivo: ☺ (celular importado do João)

Concluindo, note que sentenças como (43), que poderiam ser um contra-exemplo para o que estamos defendendo, na verdade, mostram justamente que esse adjetivo avaliativo não pronunciado pode manifestar-se na superfície linguística. Vamos assumir que (43) e (42a) são veri-condicionalmente sinônimas.

(43) O João tem um puta emprego bom.

Assim, vejamos, na próxima seção, como implementar formalmente essa hipótese.

A semântica dos graduadores

Como dissemos acima, a literatura oferece semânticas diferentes para intensificadores de adjetivos e intensificadores adnominais. Vamos propor que *puta* seja um intensificador de adjetivos. Embora requeira um predicado de tipo graduável/avaliativo para modificar, possui a particularidade de exercer sua modificação dentro da estrutura de um sintagma determinado, como vimos, tomando como complemento uma unidade sintática que é um SN.

Vejamos, então, como a literatura tem tratado formalmente a denotação dessas duas classes de modificadores.

A denotação de intensificadores adjetivais

A literatura sobre adjetivos assume que somente adjetivos graduais (dentre eles os avaliativos) podem ser modificados por graduadores ou intensificadores (KLEIN, 1980; KENNEDY, 1997; GUIMARÃES, 2007; DEMONTE, 2011; SOUZA, 2019; entre outros), na interpretação relevante³⁰. Compare o comportamento de *alto* com *federal*:

(44) a. O João é muito/bem alto.

b. O João é mais alto do que seu pai.

(45) a. #Aquela instituição é muito/bem federal.

b. #Aquela instituição é mais federal do que esta aqui.

Essa diferença também se mostra nas condições de verdade e em algumas propriedades lexicais. Adjetivos graduais como *alto* costumam ser vagos e dependentes de contexto, enquanto não graduais como *federal* não. Do ponto de vista lexical, adjetivos graduais costumam vir em pares de antônimos (*alto/baixo*, *gordo/magro*, *quente/frio* etc.), já os não graduais não costumam ter essas características, exceto em alguns poucos casos, como *morto/vivo* (e mesmo assim não são diferentes perspectivas de uma mesma escala). Estes são ditos contraditórios,

³⁰ Vemos modificadores graduais atuando sobre predicados não graduáveis, como *morto*, *vivo*, *grávida*, *brasileiro* etc. Esse é um assunto pouco explorado, mas a tese geralmente aceita é que estamos diante de algum tipo de coerção ou inferência pragmática. Por exemplo, numa sentença como *x está muito morto*, o intensificador não modifica uma propriedade graduável, mas expressa ênfase (uma noção pragmaticamente pouco clara, acreditamos).

enquanto aqueles são contrários.

Os adjetivos graduais estão longe de ser um grupo homogêneo de adjetivos. A literatura mostrou que eles podem ser divididos em dois grupos, como já vimos, os relativos e os absolutos (ROTSTEIN; WINTER, 2004; KENNEDY; MCNALLY, 2005; SOUZA, 2019b). Uma primeira diferença intuitiva é que a verdade de uma sentença como (46a-b), quer escolhamos um ou outro lado da escala de altura, depende muito pouco das propriedades físicas do sujeito (qual é sua altura, digamos, pegando um par de adjetivos relativos como *alto/baixo*), mas do que conta como alto ou baixo no contexto em que a sentença venha a ser proferida. Um par como *seco/molhado*, que também podemos considerar diferentes perspectivas da mesma escala (umidade), comporta-se diferentemente. A verdade de (47a-b) depende essencialmente do estado da toalha, mesmo que possamos considerar como seca uma toalha que ainda esteja levemente úmida (o que seria uma instância de imprecisão).

(46) a. O João é alto.

b. O João é baixo.

(47) a. A toalha está seca.

b. A toalha está molhada.

Embora Kennedy e McNally (2005) tenham alegado que adjetivos absolutos não podiam ser modificados por graduadores, isso foi contestado posteriormente pela literatura. McNabb (2012) aponta que exemplos como *very bent* ('muito torto') são gramaticais e interpretáveis em inglês; e Quadros Gomes (2011) e Souza (2019b) mostram que *muito* também pode modificar adjetivos absolutos, mesmo adjetivos de grau máximo, como *seco*. Veja que uma toalha seca é uma toalha sem umidade alguma. Portanto, (47a) é verdadeira se e somente se o grau de umidade que a toalha exibe é o grau máximo na escala, isto é, zero umidade. Comparando com (46), (46a) é verdadeira se e somente se a altura que João exibe excede o padrão de alto na situação em que a sentença é enunciada, comparando-o com outros indivíduos relevantes na situação. Aqui temos outra diferença crucial: os adjetivos relativos envolvem Classes de Comparação, que é de onde provém o padrão contextual; já o valor de verdade de sentenças com adjetivos absolutos dispensa o uso de classes de comparação, a menos que estejamos intensificando o adjetivo, o que dispara classes de comparação intensionais (SOUZA, 2019a).

A semântica dos adjetivos graduáveis tem sido tratada por duas vertentes, a Abordagem Gradual (KENNEDY, 1997; KENNEDY; MCNALLY, 2005) e a Abordagem de Delineação (KLEIN, 1980; van ROOIJ, 2011; BURNETT, 2014).³¹ De um ponto de vista formal, a

31 Morzycki (2016) apresenta uma síntese entre as duas abordagens da semântica da gradação adjetival. Kennedy (1997, cap. 1) discute as vantagens e desvantagens de cada proposta para o tratamento da polaridade adjetival e das orações comparativas. Burnett (2014) e van Rooij (2011) são atualizações da proposta de Klein (1980), procurando explicar o comportamento empírico dos adjetivos absolutos dentro de uma semântica de delineação.

diferença é a assunção de que temos entidades como graus e predicados graduáveis (de tipo $\langle d \rangle$ e $\langle ed \rangle$ ou $\langle d, \langle et \rangle \rangle$, respectivamente) na ontologia na primeira abordagem e não temos graus na segunda (predicados graduáveis são simples predicados de indivíduos de tipo $\langle et \rangle$, embora também denotem domínios organizados ao longo de uma dimensão). Vamos optar pela primeira, porque no momento é a abordagem que tem se mostrado capaz de maior cobertura empírica (para argumentos a favor da primeira abordagem, cf. KENNEDY, 1997, 2007).

Nessa proposta, as condições de verdade de (46a) são as seguintes:

$$(48) \exists d[\text{standard}(d)(\text{ALTO}) \dot{\cup} \text{ALTO}(d)(j)]$$

Em prosa: a altura que João exhibe excede o padrão de alto, considerando o padrão de alto no contexto C.

Essa análise necessita de dois componentes básicos: a entrada lexical do adjetivo em (49a) e uma função *pos*, em (49b), que denota a relação *standard* entre o grau que o adjetivo traz e o padrão contextual. Embora não apareça um *d* na entrada lexical, (49a) é uma função de indivíduos a graus.

$$(49) \text{ a. } [[\text{alto}]] = \lambda x_e. \text{ALTO}(x) \quad \langle ed \rangle$$

$$\text{ b. } [[\text{pos}]] = \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[\text{standard}(d)(G) \dot{\cup} G(d)(x)] \quad \langle ed, et \rangle$$

As condições de verdade de uma sentença como (50) são formalizadas como (51), assumindo que *muito* tem a mesma denotação de *very* nesse caso. Essa é a denotação proposta por Kennedy e McNally (2005). Assume-se que *muito* alça o padrão de *alto* e toma uma classe de comparação mais restrita: o indivíduo é comparado apenas com aqueles outros indivíduos altos no contexto.

(50) O João é muito alto.

$$(51) \text{ a. } [[\text{muito}]]^c = \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[\text{standard}(d)(G)(\lambda y. [[\text{pos}(G)(y)]]^c) \dot{\cup} G(d)(x)]$$

$$\text{ b. } [[(\text{50})]] = \exists d[\text{standard}(d)(\text{ALTO})(\lambda y. [[\text{pos}(\text{ALTO})(y)]]^c) \dot{\cup} \text{ALTO}(d)(j)]$$

Em prosa: a altura que João exhibe excede o padrão de alto, considerando aqueles indivíduos que são altos no contexto C.

Um traço crucial dessa proposta é que o intensificador é um modificador adjetival. Composicionalmente ele é uma função de tipo $\langle ed, et \rangle$, isto é, ele toma como argumento uma propriedade gradual de tipo $\langle ed \rangle$ e cria uma propriedade de indivíduos de tipo $\langle et \rangle$.

Para Kennedy (1997, p. 104), os modificadores graduais são sempre relações entre graus, sejam graus linguisticamente explícitos, como as orações comparativas, ou implícitos, caso dos modificadores graduais, como *very* ou o nosso *muito*. Será que *puta* poderia ser uma relação desse tipo? – acrescida do conteúdo expressivo que lhe caracteriza, claro. No esquema da

denotação, a Relação é introduzida pelo modificador, $G(x)$ é o predicado gradual e d é o grau padrão, ou seja, a relação é dada entre o grau que o predicado gradual traz e o grau padrão. Por exemplo, no caso das expressões de comparação, as relações são de superioridade, inferioridade ou igualdade.

(52) a. Esquema básico: Modificador Gradual(grau referencial, grau padrão)

b. $[[\text{Modificador de grau}]] = \lambda G_{\text{ed}}. \lambda d_d. \lambda x_e. [\text{Relação}(G(x))(d)]$

Intensificadores adnominais

Morzycki (2011) analisa exemplos de modificação de nomes por adjetivos como os seguintes:

(53) a. *big disaster/idiot* ‘grande desastre/idiota’

b. *huge smoker/basketball fan* ‘baita/grande fumante/fã de basquete’

Ele vai nomear essas expressões de “modificadores de tamanho”, pois esses modificadores operam sobre um conjunto de dimensões, dimensões essas que definem o que é ser um desastre ou um idiota, por exemplo. Assim, um predicado como *um grande idiota* é verdadeiro de um indivíduo se ele apresenta um grande conjunto de propriedades do que caracteriza ser um idiota. Essa é uma estratégia para fornecer uma dimensão para os nomes, uma classe de predicados que não é lexicalmente graduável.

Para isso, ele estipula uma função **dimensão**, que mapeia as dimensões associadas ao nome, como vemos em (54), em relação ao nome composto *fã de basquete*.

(54) **Dimensão**(fã de **basquete**): {atenção dedicada ao basquete; entusiasmo com o basquete; conhecimento sobre basquete}

Essas dimensões são critérios para se julgar alguém como um fã de basquete, tornando um grande fã de basquete alguém que apresenta um grande conjunto de ‘dimensões’. Logo, o papel semântico de modificadores como *big* é expressar que “the measure of an individual along a lexically-provided dimension be large” (MORZYCKI, 2011, p. 193), papel composicional que é definido formalmente em (55a), o que nos dá as condições de verdade em (55b).

(55) a. $[[\text{big}]]^c = \lambda f_{\text{ct}}. \lambda x_e. \exists D[D \hat{=} \text{dimensions}(f) \ \& \ \text{large}_c(\mu(D)(x))]$

b. $[[\text{Clyde is a big smoker}]]^c = \exists D[D \hat{=} \text{dimensions}(\text{smoker}) \ \& \ \text{large}_c(\mu(D)(\text{clyde}))]$

Em prosa: Existe um conjunto de dimensões de ser fumante e a medida de Clyde em relação a esse conjunto é grande.

O passo estipulativo da análise é supor que exista uma função que mapeie predicados de indivíduos a conjuntos de dimensões. Para ele, essa função já estaria codificada lexicalmente, o

que significa que *fã de basquete* denota, além de um predicado de indivíduos, algo como vemos em (54). Além disso, ele justifica essa análise dizendo que é provável que precisemos de uma denotação para os adjetivos como a que vemos em (55a) para lidar com adjetivos polissêmicos como *grande*, que estão associados a mais de uma dimensão. Por exemplo, *x é uma cidade grande*, pode ser verdadeira se a cidade for grande na dimensão espacial ou populacional. Essa indeterminação na escala que certos adjetivos codificam, para ele, poderia ser resolvida se assumindo que esses adjetivos lexicalmente trazem várias dimensões. Ou seja, parece-nos que há muita coisa sendo estipulada nessas entradas lexicais.

Por fim, esse tipo de análise não nos parece se aplicar facilmente ao caso de *puta*, pois, embora seja similar a modificadores de tamanho, como *grande*, *baita*, *mega*, cf. *uma puta/grande/baita/mega festa*, nos parece ter uma leitura mais avaliativa, como preferimos chamar acima.

Formalizando o significado de *puta*

Como vimos, aparentemente, *puta* nos impõe um desafio composicional: como mostrar que a expressão modifica um predicado gradual se o que vemos superficialmente é um modificador de SN? Se a nossa hierarquização sintática do SN estiver correta, aplicando-se os tipos tradicionais, temos a estrutura (56b) para o SD (56a).

(56)	a.	Um puta filme chato.		
	b.	SD<et>		
		ei		
	D	SN<et>*	(conflito de tipos)	
		qp		
	<i>um</i>	SG<ed,et>	SN<et>* (conflito de tipos)	
			ei	
	<i>puta</i>	N<et>	SA<ed>	
		<i>filme</i>	<i>chato</i>	

Ocorrem dois conflitos de tipos. O primeiro está na projeção máxima do SN: como o nome é de tipo <et> e o adjetivo gradual é de tipo <ed>, um não pode se combinar com o outro. O segundo ocorre no adjunto do SN, a combinação de *puta* (assumindo aqui de fato que ele

seja, pelo menos do ponto de vista semântico, um modificador de predicados graduais) com o SN também não é possível porque o SN deveria denotar um predicado de indivíduos e o nosso modificador toma como argumento um predicado gradual.

Vamos resolver esse impasse assumindo que em posição atributiva, os predicados graduais possam também estar sujeitos à operação de Conjunção de Predicados. Embora a operação básica da semântica seja a Aplicação Funcional (isto é, o preenchimento do argumento de uma função), há motivos para crermos que uma segunda operação também possa unir predicados de mesmo tipo. É o que acontece com sintagmas do tipo *um vestido vermelho*. Adjetivos dessa classe nos permitem inferências como a que vemos em (57). Portanto, assumir que algum tipo de operação semântica faz a interseção entre esses dois predicados não é estipulativo.

(57) a. A Maria tem um vestido vermelho.

b. A Maria tem x e x é um vestido e x é vermelho.

(58) Regra da Conjunção de predicados (cf. FERREIRA, 2018, p. 106)

“Seja α um nó ramificado, cujos constituintes imediatos são β e γ , tal que $[[\beta]]$ e $[[\gamma]]$ pertençam a $D_{\langle e,t \rangle}$. Neste caso, $[[\alpha]] = \lambda x_{\langle e \rangle} . [[\beta]](x) = 1 \ \& \ [[\gamma]](x) = 1$ ”

(59) $[[\text{vestido vermelho}]] = [[\text{vestido}]]([[\text{vermelho}]])$

$= \lambda x_e . (\lambda x_e . \text{VESTIDO}(x))(x) = 1 (\lambda x_e . (\lambda x_e . \text{VERMELHO}(x))(x) = 1)$ [entradas lexicais]

$= \lambda x_e . (\lambda x_e . \text{VESTIDO}(x))(x) = 1 (\lambda x_e . (\lambda x_e . \text{VERMELHO}(x))(x) = 1)$ [redução-lambda]

$= \lambda x_e . \text{VESTIDO}(x) = 1 (\lambda x_e . \text{VERMELHO}(x) = 1)$ [conjunção de predicados]

$= \lambda x_e . \text{VESTIDO}(x) = 1 \ \& \ \text{VERMELHO}(x) = 1$

Vamos supor que possamos aplicar a Conjunção de Predicados a predicados de tipos diferentes, conjungindo os predicados de tipo $\langle et \rangle$ e $\langle ed \rangle$. Mas note que eles não são tão diferentes assim, pois ambos são funções de indivíduos a alguma outra entidade. Para isso, precisamos alterar um pouco a regra (58), que vamos chamar Predicado Gradual Atributivo.

(60) Regra da Conjunção do Predicado Gradual Atributivo:

Seja α um nó ramificado, cujos constituintes imediatos são β e γ , tal que $[[\beta]]$ pertença a $D_{\langle et \rangle}$ e $[[\gamma]]$ pertença a $D_{\langle ed \rangle}$. Neste caso, $[[\alpha]] = \lambda x_{\langle e \rangle} . [[\beta]](x) = 1 \ \& \ [[\gamma]](x) = 1$

Embora superficialmente se pareça com um predicado de tipo $\langle et \rangle$, estamos diante de um predicado de tipo $\langle ed \rangle$ como resultado da conjunção em (60). Precisamos que seja esse o resultado, pois o modificador *puta* opera sobre o grau do predicado graduável. Vejamos o motivo. Tomando o exemplo que estamos discutindo aqui, *um puta filme chato*, as entradas lexicais e a combinação que temos é a seguinte:

(61) Entradas lexicais

$$[[\text{filme}]] = \lambda x_e. \text{FILME}(x)$$

$$[[\text{chato}]] = \lambda x_e. \text{CHATICE}_{\text{chato}}(x)$$

$$[[\text{puta}]] = \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[\text{máx}(G(d)) \& (G(x))(d)]$$

$$[[\text{um}]] = \lambda P_{et}. \lambda Q_{et}. \exists x[P(x) \& Q(x)]$$

Assumamos que $\text{máx}(G(d))$ seja uma função que nos leva de predicados graduais à posição máxima que um indivíduo possa ocupar na escala daquele predicado, considerando o julgamento do falante no contexto. Isso quer dizer que, embora não esteja explícito na função de interpretação, a interpretação de *puta* é relativa a um falante e a um contexto, o que poderia ser representado como $[[\text{puta}]]^{c.f.}$. Mas não precisamos nos preocupar com essas complicações aqui.

Seguindo, digamos, que a operação em (60) nos forneça um predicado gradual que resulta da união de *filme* e *chato*: $\lambda x_e. \text{FILME-CHATO}(x)$, uma função de tipo $\langle ed \rangle$. Modificado por *puta*, temos (62), um predicado de indivíduos que denota um conjunto de indivíduos que são filmes chatos e que apresentam o grau máximo do que o falante julga como sendo um filme chato na situação. Essa não é uma ideia nova. Cresswell (1976, p. 266) já supunha que um sintagma como *tall man* ‘homem alto’ denotasse algo como “x é um homem que é alto no grau d”.

$$\begin{aligned} (62) [[\text{puta filme chato}]] &= \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[\text{máx}(G)(d) \& (G(x))(d)](\lambda x_e. \text{FILME-CHATO}(x)) \\ &= \lambda x_e. \exists d[\text{máx}(\lambda x_e. \text{FILME-CHATO}(x))(d) \& (\lambda x_e. \text{FILME-CHATO}(x))(x)(d)] \\ &= \lambda x_e. \exists d[\text{máx}(\text{FILME-CHATO}(d)) \& \text{FILME-CHATO}(x)(d)] \end{aligned}$$

Esse é o resultado adequado, pois agora temos um predicado de indivíduos, uma função de tipo $\langle et \rangle$.

Para lidar com a contribuição uso-condicional, seguindo uma sugestão de Gutzmann (2019), vamos considerar que quaisquer expressões linguísticas podem ser compostas por componentes veri- e uso-condicionais (sempre do tipo u), separados pelo operador “•”. Assim, o significado de uma expressão do tipo e , por exemplo, é, na verdade, a união de seu significado veri-condicional (Te) com seu significado uso-condicional (Ue), como em $Te \bullet Ue$. Um item, obviamente, pode ter somente contribuição de significado em uma única dimensão, o que nos dá o seguinte resultado:

Expressões veri-condicionais: $Te \bullet Ue = Te \bullet \text{Æ}$ (por exemplo, ‘mesa’, ‘vermelho’, etc.)

Expressões uso-condicionais: $Te \bullet Ue = \text{Æ} \bullet Ue$ (por exemplo, ‘vixi’, ‘droga de’, etc.)

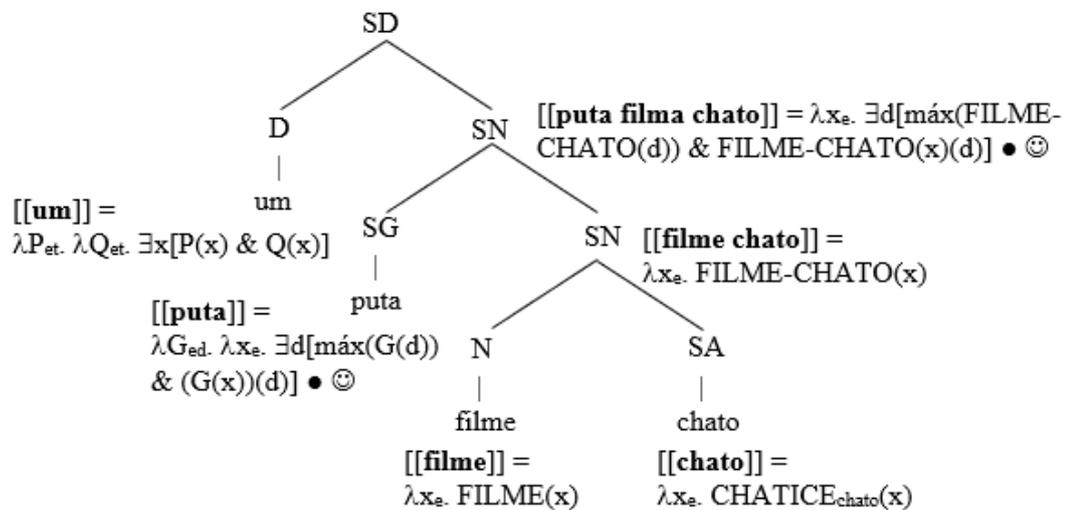
Expressões mistas: Te • Ue = itens como *puta* e expressões depreciativas como *japa*, *crente*, etc.

A composição semântica se dá então sempre em duas dimensões, combinando os tipos de cada dimensão. No caso de *puta*, sua contribuição uso-condicional não demanda nenhum argumento e, como vimos, apenas expressa emoção ou um estado excitado do falante. Em resumo, então, o significado final de *puta* é:

$$(63) \text{[[puta]]} = \lambda G_{ed}. \lambda x_e. \exists d[\text{máx}(G(d)) \ \& \ (G(x))(d)] \bullet \text{☺}$$

A derivação completa de (62), de modo simplificado, é como no esquema abaixo:

(64)



Vamos relembrar que precisamos lidar com as seguintes interpretações, retomando os casos típicos discutidos na seção 2, parafraseados em (42) e retomados aqui em (65):

(65) a. Ele tem um puta emprego.

Conteúdo descritivo: ele tem um bom emprego.

Conteúdo expressivo: ☺ (o emprego do João)

b. O João deu uma puta festa legal.

Conteúdo descritivo 1: o João deu uma festa boa e legal.

Conteúdo descritivo 2: o João deu uma festa muito legal.

Conteúdo expressivo: ☺ (a festa do João)

O primeiro caso que analisamos é de um SN com um adjetivo explícito. Em (65a) não temos um. Supomos acima que é provável que tenhamos uma espécie de predicado gradual avaliativo não pronunciado nesses casos (mas que eventualmente pode ser). Digamos, então que

sintaticamente, o SD *um puta emprego* corresponde à (66a). A derivação semântica prossegue sem problemas com as ferramentas que já temos, resultando no SD em (66b), com sua respectiva denotação formalizada³².

(66) a. [SD um [SN puta [SN emprego [SA QUALIDADE]]]]

b. [[(65a)] = $\lambda Q_{ct}. \exists x \exists d [\text{máx}(\text{EMPREGO-QUALIDADE}(d)) \ \& \ \text{EMPREGO-QUALIDADE}(x)(d)] \ \& \ Q(x) \bullet \odot$

Passemos à análise de (65b). Como a sentença é ambígua, ela corresponde a duas estruturas sintáticas. O sintagma *uma puta festa legal* pode corresponder à estrutura em (67a), com *puta* modificando a estrutura [*festa QUALIDADE*] ou à estrutura em (67b), em que modifica a estrutura [*festa legal*].

(67) a. [SD uma puta festa QUALIDADE legal]

b. [SD uma puta festa legal]

Embora tenhamos escolhido um predicado não tão neutro assim (QUALIDADE), podemos admitir que ele tem um certo grau de indeterminação. Pois (65b) também pode ser usada para descrever, por exemplo, uma festa grande (com muitos convidados). Veja que se mudássemos o adjetivo adnominal para *puta festa chata* podemos imaginar que ela seja usada para descrever uma festa grande (com muitos convidados) mas que foi avaliada pelo falante como chata. Além disso, mesmo que o nome seja algum com conotação negativa, como em *um puta pesadelo*, podemos admitir que a estrutura é a mesma [*SD um puta pesadelo QUALIDADE*], pois embora tendamos a ver pesadelos como coisas negativas, *um puta pesadelo* é um pesadelo no grau máximo de qualidade dos pesadelos e do ponto de vista expressivo o falante está envolvido emocionalmente com ele³³.

A hierarquização dessas estruturas certamente deverá levar em conta a forma como os adjuntos adnominais se estruturam dentro do SN no PB. Por exemplo, adjetivos restritivos não graduais ficam mais próximos do núcleo do SN do que os graduais, como vemos em (66). Mas note que *puta* continua a atuar intuitivamente apenas sobre o adjetivo gradual. *Uma puta festa mexicana* é uma festa mexicana muito boa, mas não “uma festa muito mexicana”. Se essa última leitura estiver disponível, ela ocorre via coerção.

32 Uma descrição sintática mais refinada pode associar o que chamamos aqui de QUALIDADE para nomes combinados com *puta*-intensificador a um nó funcional Deg, de *degree* (grau). Preferimos, contudo, não nos comprometer com essa análise sintática mais fina, e somente descrever a composição semântica. Agradecemos ao parecerista anônimo que nos apontou essa possibilidade.

33 O mesmo raciocínio se aplica a exemplos como *um puta juiz federal*, cuja interpretação é de que o referente em questão é um *bom* juiz federal, ou seja, a gradualidade necessária para a composição com *puta* surge, similarmente ao que vimos com *emprego*, devido ao predicado QUALIDADE, que torna o composto “emprego QUALIDADE” um sintagma gradual.

- (66) a. O João deu uma puta festa mexicana divertida.
a'. *O João deu uma puta festa divertida mexicana.
b. A Maria comprou uma puta arma importada assustadora.
b'. *A Maria comprou uma puta arma assustadora importada.

Considerações Finais

Neste artigo, descobrimos algumas propriedades de *puta* intensificador que ainda não havido sido notadas por Foltran e Nóbrega (2016, no prelo), Pires de Oliveira (2013) e Chain (2018), como a ambiguidade que aparece em casos como (25) e (26) e o fato de *puta* não modificar adjetivos não graduais, como *importada*, *mexicana*, *federal* etc. Diante dos dados, propomos que *puta* possui dois componentes: (i) um descritivo, que se assemelha à contribuição de *muito*; e (ii) um expressivo, que veicula o estado emocional do falante. Sendo assim, *puta* seria, na terminologia de McCready (2010, um item misto. Por fim, oferecemos uma análise formal do conteúdo descritivo desse item, com ou sem a presença explícita de adjetivo avaliativo, capturando também sua contribuição veri-condicional.

É importante dizer que não pudemos nos deter na discussão de dois casos, o da modificação de adjetivos pré-nominais avaliativos, (9a) retomado aqui como (67a), e de adjetivos diretamente, como o exemplo (7b) de Foltran e Nóbrega (2016), retomado abaixo como (67b), que nossa intuição julga como ser uma sentença estranha.

- (67) a. A Maria recebeu uma puta boa educação.
b. Uma cerveja puta gelada

(67a) poderia facilmente receber a análise proposta acima, pois o constituinte modificado [SN boa educação] é sintática e semanticamente de categoria adequada, em princípio. Com (67b), estamos diante de uma modificação estritamente adjetival. Composicionalmente não haveria problema, pois o predicado é de tipo *<ed>* e estamos propondo que *puta* é uma função de tipo *<ed,et>*. A questão é que ele está modificando outra categoria sintática. Talvez a nossa sensação de estranheza diante desses dados se deva a uma gramaticalização em andamento da construção. O item lexical *puto* é um adjetivo primariamente (um predicado de indivíduos) que se gramaticaliza posteriormente como modificador de segunda ordem (um predicado de predicados) e agora está subindo um degrau na escala gramatical, ao se tornar apenas um modificador gradual, um intensificador típico. Mas note que se o caminho é esse, a passagem de modificador de SNs para o modificador de adjetivos (ou sintagmas adjetivais graduais), envolve uma mudança na sintaxe do modificador, mas a sua semântica continua a mesma.

Além dessas, algumas questões permanecem em aberto. Especialmente a aplicação da denotação proposta a outros modificadores similares. Outra questão relevante é a relação desse

modificador com outros intensificadores coloquiais/chulos no português brasileiro, que parecem ter uma contribuição composicional e expressiva semelhante, caso de *pra caramba/caralho* etc. Seja como for, esperamos este texto contribui para a descrição de *puta*-intensificador e intensificadores semelhantes.

Agradecimentos

Os autores agradecem a leitura e comentários de Gabriel de Ávila Othero e dos dois pareceristas anônimos. Todos fizeram contribuições valiosas, que contribuíram decisivamente para a qualidade final do artigo. Certamente, os equívocos que permanecem são de nossa inteira responsabilidade.

Referências

BACH, K. The myth of conventional implicatures. *Linguistics and Philosophy*, vol. 22, n. 4 p. 327-366, (Aug., 1999).

BURNETT, H. A delineation solution to the puzzles of absolute adjectives. *Linguistics & Philosophy*, n. 37, p. 1-39, 2014.

BYLININA, L.; SUDO, Y. Varieties of intensification: remarks on Beltrama and Bochnak ‘Intensification without degrees crosslinguistically’. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 33, p. 881–895, 2015.

CHAIN, S. P. Classificações gramaticais da palavra ‘puta’. *Odisseia*, Natal, vol. 3, n. 2, p. 145-162, jul-dez 2018.

CRESSWELL, M. The Semantics of degree. In: PARTEE, B. (Org.) *Montague grammar*. New York: Academic Press, 1976. p. 261-292.

DEMONTE, V. Adjectives. In: von HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, (orgs.) *Semantics: an international handbook of natural language meaning*. Berlin: Walter de Gruyter, 2011. p. 1314-1340.

FERREIRA, M. B. *Curso de semântica formal*. Berlin: Language Science Press, 2018.

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. Adjetivos intensificadores no português brasileiro: propriedades, distribuição e reflexos morfológicos. *Alfa*, 60(2), p. 319-340, 2016.

_____. Por uma taxonomia dos modificadores do português brasileiro. In: QUADROS-GOMES; A. P. TESCARI NETO, A. (orgs.). *Sintaxe e semântica dos adjetivos e advérbios*. Campinas: Pontes, (no prelo).

FOLTRAN, M. J.; NÓBREGA, V. A.; OUSHIRO, L. Múltiplos determinantes em sintagmas nominais definidos e indefinidos do português brasileiro. In: PILATI, E. N. S. (Org.) *Temas em*

Teoria Gerativa: Homenagem a Lucia Lobato. Curitiba: Blanche, 2016, p. 169-182.

FORTIN, A. *The Morphology and Semantics of Expressive Affixes*. (Tese de Doutorado). Oxford, 2011.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Orgs.). *Syntax and semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

GUTZMANN, D. *Use-conditional meaning: studies in multidimensional semantics*. Oxford University Press, 2015.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective*. PhD Dissertation. University of California at Santa Cruz, 1997.

_____. Vagueness and grammar: the semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, 30(1), p. 1-45, February 2007.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, 81(2), p. 345-381, 2005.

KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy* 4, p. 1-45, 1980.

McCREADY, E. S. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, vol. 3, n. 8, p. 1-57, 2010.

McNABB, Y. *The syntax and semantics of degree modification*. PhD Dissertation, University of Chicago. Chicago, 2012.

MORZYCKI, M. Several faces of adnominal degree modification. In: CHOI, J. et al. (orgs.). *Proceedings of the 29th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project. 2011. p. 187-195

_____. *Modification*. Cambridge University Press, 2016.

PARTEE, B.; KAMP, H. Prototype theory and compositionality. *Cognition*, 57, p. 129-191, 1995.

PIRES DE OLIVEIRA, R. A gramática do sentido na escola. In: MARTINS, M. A. (org.). *Gramática e ensino*. Natal: Editora da UFRN, 2013. p. 229-260.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. *Arquitetura da conversação: a teoria das implicaturas*. São Paulo: Contexto, 2016.

POTTS, C. *The logic of conventional implicatures*. PhD Dissertation. University of California at Santa Cruz, 2003.

- _____. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, 33(2), p. 165-198, 2007.
- QUADROS-GOMES, A. P.; SANCHEZ-MENDES, L. *Para conhecer: semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.
- QUADROS-GOMES, A. P. A semântica de grau em PB. *Anais do SILEL*, vol. 2, n. 2, Uberlândia, EDUFU, 2011.
- RECANATI, F. *Literal meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- van ROOIJ, R. Vagueness in linguistics. In: RONZITTI, G. (eds.). *Vagueness: a guide*. Springer, 2011. p. 123-170.
- ROTSTEIN, C.; WINTER, Y. Total adjectives vs. partial adjectives: Scale structure and higher-order modifiers. *Natural Language Semantics*, n. 12, p. 259–288, 2004.
- SOUZA, L. M. A intensificação de adjetivos: fatores contextuais. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 27, n. 2, 507-547, abr/jun de 2019a.
- _____. Adjetivos graduais e a interpretação de maximizadores e minimizadores. *Revista Estudos da Linguagem*, vol. 27, n. 1, 2019b, p. 13-48.